

Senado resgata História encaixotada

Mobiliário esquecido em salas do Congresso será embrião de museu que deve abrir em agosto

MARLENE GALEAZZI

BRASÍLIA — Por quase três décadas, um esquecido depósito do Senado Federal conviveu com cadeiras rasgadas, móveis velhos e caixotes fechados — enconstados como sucatas inúteis, deles quase ninguém teve notícias. Agora se descobriu que as tralhas desprezadas na verdade eram a memória da Casa, um pedaço da história do Brasil que por pouco não acabou no lixo. Esse acervo formidável está sendo salvo pelo Senado, que pretende transformá-lo numa espécie de museu.

Para resgatar a memória histórica dos móveis e objetos que conviveram tão intimamente com o poder da República, está acontecendo uma verdadeira caçada pelas centenas de salas e gabinetes do Congresso, da qual participam pratica-

mente todos os funcionários do Senado. Mais de 500 peças já foram encontradas, dezenas de caixotes abertos e inúmeros quadros restaurados. Há preciosidades, como duas urnas de prata que serviram para abrigar os votos dos senadores do Império, no Palácio Conde dos Arcos. Elas dormitavam ignoradas dentro de um dos armários do gabinete do diretor-geral.

O rescaldo da memória do Senado começou há dois anos, quando o senador Humberto Lucena, presidente do Congresso, encontrou na residência oficial uma mesa antiga, de mármore, que pertencia à sala onde foi assinada a primeira Constituição republicana, em 1890. "As reliquias da casa estão sendo tratadas com o maior desca-so", disse então Lucena, que determinou à Secretaria de Documentação e Informação (SDI) que cuidasse do assunto.

A saída encontrada pela SDI foi procurar, em fotografias e quadros, objetos semelhantes aos catalogados como de origem desconhecida. Começou um trabalho de rastreamento

pelo Senado, um trabalho metuculoso que deverá estar pronto até o final do ano. Desde que a operação resgate foi iniciada, a cada semana surge uma surpresa, como atesta Fátima Regina de Araújo, diretora da SDI.

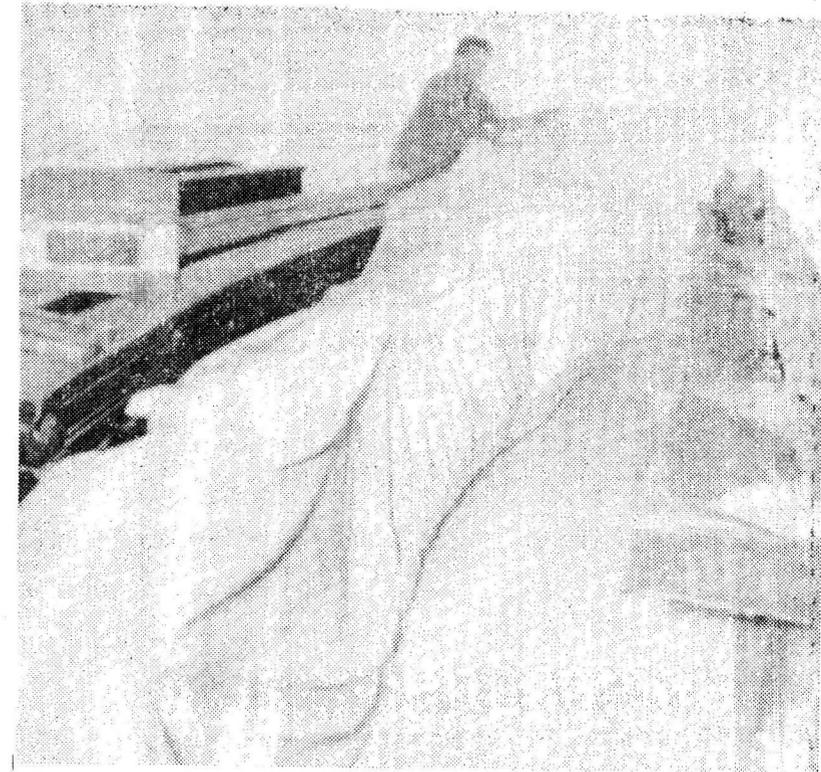
O arquiteto Oscar Niemayer contribuiu para o desperdício do patrimônio histórico do Senado. Ele não gostava de móveis antigos no Congresso, que brotou de sua prancheta com a marca da modernidade. Entre os móveis aposentados está o plenário do Palácio Monroe e do Conde dos Arcos — ambos em processo de restauração. Nelson Carneiro, presidente do Senado, autorizou a montagem do plenário Monroe no saguão Filinto Müller a partir de 15 de agosto. "Pretendemos que o salão seja uma espécie de museu permanente, com o acervo aberto para visitação pública", diz Carneiro.

SUCATA

A princesa Isabel é a responsável pelo fim do anonimato das urnas de prata que serviram aos senadores do Império. Elas eram velhas conhecidas da prin-

cesa, que gostava de ser retratada ao lado das peças que vieram de Portugal. Foi a partir da observação de um quadro da filha de dom Pedro II que as urnas trocaram a condição de sucata para se tornarem fragmentos de história.

Se a tela "Juramento ao assumir pela primeira vez a Regência" serviu como mapa do tesouro para a descoberta das urnas, o mesmo não aconteceu com o imponente tinteiro que pertence ao visconde de Abaeté. O primeiro presidente do Senado, entre 1861 e 1873, deixou registros históricos da afeição que nutria pelo tinteiro — que saiu do limbo graças a uma amarelada foto do Palácio Monroe, onde funcionava o Senado no Rio de Janeiro. O tinteiro enfrentou a condição de estorvo, passou de sala em sala do Senado em Brasília e por pouco não terminou seus dias na clandestinidade, num reles armário de uma das secretárias do gabinete da presidência da casa. Agora, o tinteiro — devidamente tombado e registrado — está sob a responsabilidade da Biblioteca do Senado.



Beth Munhoz/AE

Móveis do Império recuperados: memória política revelada